

OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 98 11 DE SETEMBRO DE 1881	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	6950	8120		<p>Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.</p> <p>É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.</p>
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-5-	-5-		
Estrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	-5-	-5-		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-5-	-5-		

PORTUGAL PITTORESCO



BUSSACO — RUA DA RAINHA (Segundo uma photographia de Santos)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, CERVASIO LOBATO — Guilherme d'Azevedo, CANDIDO DE FIGUEIREDO — As nossas gravuras — Pelourinho de Villa Viçosa, XAVIER DA CUNHA — Actualidades scientificas, os cometas e o grande cometa de 1881, R.— Congressos Anthropologico e Litterario, trabalhos dos congressos, R. — O jardim d'acclimação do Rio de Janeiro — Aparentamentos para a vida do Diabo, DELFIN DE ALMEIDA — Publicações.

GRAVURAS. — Portugal Pittoresco, Bussaco, rua da Rainha — Africa portugueza, cataracta Blú-blú no Rio Agua Grande, em S. Thomé — Francisco Vieira da Silva — Exposição de Electricidade no Palacio da Industria, em Paris — Pelourinho de Villa Viçosa — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Uma vez Henri Heine, o allemão mais parisiense que tem passeado pelo asphalto dos boulevards e pela litteratura alegre de Paris, viu-se seriamente embaraçado quando lhe perguntaram o que era o *cancan*.

Tinha que definir a um allemão essa dança do Mabilie, e francamente a coisa não era facil.

«Pois bem, seja! disse finalmente elle para a *Gazeta d'Augsbourg!* O *cancan* é uma dança que nunca se executa n'uma reunião decente, mas apenas em locaes duvidosos, onde o cavalheiro que o dança, e a dama por quem é dançado se veem logo agarrados por um policia, e postos no meio da rua!»

Pois essa dança que «ataca não só as relações sexuaes, mas tambem as relações sociaes, mas tambem tudo o que ha de bom e de bello no mundo, mas tambem toda a especie d'enthusiasmo, o patriotismo, a fidelidade, a lealdade, a fé, os sentimentos da familia, o heroismo, a divindade» passou por uma cambalhota do bom senso burguez, e por um desleixo immoral da policia de Lisboa a ser o pão nosso de cada dia dos bons lisboetas, a oração da noite, que as mães honestas mas descuidadas, ensinam ás suas filhas.

Heine confessa, que era sempre assaltado por uma indizível tristeza quando via o povo dançar essa dança nos bailes equivocos de Paris. Que tristeza e que espanto não teria elle se visse essa dança desvergonhada pernejada por meia duzia de creanças de sete e de oito annos, contorcendo-se nos esgares obscenos d'essa pantomima *robert-macariana*, aprendendo com toda a consciencia de quem estuda uma lição, a levantar a perna bem alta e a menear a cabeça gaiatamente com maliciosas intenções bregueiras, sob a direcção cuidada e severa d'um professor patusco?

Essa tristeza e esse espanto não assalta porém a nossa gente, nem a nossa policia.

Os paes de familia levam todas as noites, ao passeio publico, seus filhos e suas filhas pequenas, com uma sollicitude e uma pontualidade com que decerto os não levam á escola; cuidam muito mais em que elles saibam dançar uma valsa, do que conjugar um verbo, em que ellas saibam fazer uma mesura de minuete, do que uma camisa de dormir: a policia anda a correr atraz dos rapazes que vendem jornaes para verificar se elles trazem a *chapa* legal, e não tem tempo para se importar com a educação das creanças, e o professor Justino esse Vestris comico da sociedade lisboeta, vê todas as noites engrossar o numero dos seus discipulos, e vae enriquecendo pouco a pouco com os seus *cancans* e com as suas mascaradas, ao passo que os mestres de instrucção primaria emmagrecem e morrem de fome.

É comico isto, mas é d'um comico triste, que faz pensar mais do que rir.

Francamente o que ha a esperar amanhã d'essa geração que entra no mundo dançando o *cancan*, d'essas meninas que se preparam para a grande missão educadora de mãe de familia, fazendo *entrechats*, e erguendo o pé á altura da boquilha do seu professor?

Fallámos já largamente ha dias d'estes bailes infantis dissolventes, que se dão no passeio publico e que em vez de ser evitados como um perigo, são concorridos como um divertimento.

Toda a imprensa de Lisboa se tem manifestado energicamente contra elles em artigos serios ou em prosa humoristica, mas a auctoridade não desce das altas regiões das multas para cuidar d'estas insignificantes questões da educação da infancia, e os *bailes infantis* vão-se desenvolvendo amplamente á sombra da inerzia da policia e do desleixo dos paes de familia, e já se não contentam em fazer valsar as creanças até á meia noite, em companhias equivocadas, na aprendizagem doentia da tísica e da *coquetterie*, agora já as fazem dançar o *cancan*, e as mães calçam a suas filhas pequenas, meias altas, atadas com ligas por cima do joelho, para que essas danças deem perfeitamente o effeito dos *cancans* mabiliannos vistos por um binoculo do avesso, para que tenham todas as notas picantes, acanalhadas, que são a sua unica rasão de ser.

Na educação portugueza já de si muito completa e perfeita havia comtudo uma lacuna: — o *cancan*. Na organização da familia faltava um elemento poderoso — o sr. Justino. A natureza obedece na sua elaboração constante a umas leis providenciaes: tudo vem quando é necessario, tudo apparece no seu momento.

O sr. Justino Soares não é um homem, é uma resultante fatal d'essas leis providenciaes. Não é um professor de dança é um membro que faltava ao nosso corpo social.

Agora sim, agora é que a sociedade lisboeta está completa, por isso os chefes de familia folgam, e a policia dorme.

— Ha tempos praticou-se em Lisboa um roubo excepcional pela sua importancia e pela sua audacia.

A casa commercial Lima Mayer, mandára por um seu criado um cheque de 5 contos de réis sobre o banco de Portugal, fechado n'um subscripto, a outro negociante.

O criado perdeu o cheque, e quando d'ali a nada os srs. Mayers souberam da perda do cheque, e se dirigiram ao banco a providenciar, o cheque tinha sido já apresentado e pago. A quem? Nunca se poudo saber. Quem o pagou disse que fôra a um homem bem vestido, de barbas pretas, que se apresentára com grande serenidade, e que até pedira, creio eu, para o cheque lhe ser pago em oiro e não em notas, ou uma coisa assim.

Quem seria esse homem? Não era verosimil descobri-lo. Naturalmente não era nenhum gatuno conhecido da policia, nenhum ratoneiro de officio, devia ser homem serio, homem grave, homem de gravata lavada, que encontrou a carta, abriu-a, viu o cheque e foi tentado pelos cinco contos.

Era uma carta bem jogada.

Nas ruas da baixa, uma carta não está muito tempo cahida na rua; logo, tinha sido perdida n'esse momento. Antes que se desse pela perda, e que se communicasse ao banco teria tempo, decerto, d'ir receber o cheque. Todas as probabilidades eram a favor. O que era necessario era sangue frio e rapidez. Foi, recebeu o dinheiro, e depois fossem lá descobri-lo. Continuava a ser serio, honrado, estimado, tudo o que era até ali, com mais cinco contos de réis, o que não era nada mau. Tinha só contra si n'uma coisa, a consciencia, mas essa respeitavel matrona ha muito tempo que se refugiou no romance e no theatro, nos quintos actos, e d'ahi mesmo, a escola moderna anda tratando de a pôr fóra.

A versão verosimil era esta, foi a que geralmente se aceitou e ninguem pensou mais n'isso.

Agora no dia 4 d'este mez, appareceu em todos os jornaes uma noticia que fez grande sensação em Lisboa. A policia descobrira e apanhara o ladrão dos cinco contos. Era, sabem quem? Era o proprio portador da carta que dissera tel-a perdido, um gallego, que a policia apanhou no comboyo, a ir para a terra com outro gallego, moço de recados, levando entre ambos nas malas, um conto e tanto, em di-

nheiro hespanhol, espalhado por vinte embrulhos, cada um sobrescriptado a nomes differentes.

E a policia cantou logo victoria e os noticiarios deram a noticia recheiadas de *habeis*, distribuidos pelos varios guardas que fizeram a prisão.

Depois fez-se um silencio mysterioso e completo sobre o caso.

Nós, tendo de registar os acontecimentos de sensação em Lisboa, não podémos deixar de referir essa prisão e o effeito que ella fez na capital, reservando-nos para applaudir a policia e para a polverilhar de *habeis* quando nos provarem: — que effectivamente esses gallegos, criados de servir e moços de fretes são realmente os ladrões, que era um d'elles que se apresentou com toda a serenidade, bem vestido, e de barba toda, a cobrar o cheque no Banco, que foram elles que em meia hora, ou uma hora se tanto, concertaram o plano e se mascararam para a comedia, com tanta finura, para depois se deixarem apanhar d'uma maneira idiota.

Até lá suspendemos os nossos *habeis*...

— Outro facto saliente da semana, foi a transladação dos ossos do sr. Vieira da Silva, o grande propagador da idéa da *Associação*, o operario intelligente e infatigavel, que consagrou toda a sua vida e todo o seu talento ao engrandecimento das classes laboriosas.

A sua transladação foi uma verdadeira solemnidade, uma manifestação imponente, que se dirigia ao homem morto, e á idéa cada vez mais viva no seio das sociedades modernas.

N'outro logar o OCCIDENTE consagra um artigo especial a esse valente luctador da causa santa dos que trabalham, e por isso nós aqui só temos que registar essa transladação que foi um acontecimento e que representou duas coisas sagradas e grandes — a gratidão e a justiça!

GERVASIO LOBATO.

GUILHERME DE AZEVEDO

É mais um dos que podem dizer aos amadores da plastica: os poetas não se medem a palmos. Pertence á numerosa pleiade dos poetas magros, mas compensa a exiguidade dos adipos com a exuberancia de espirito e de imaginação. O bigode curto e negro descobre amplamente o sorriso alegre do observador intelligente. A sua ironia é, a um tempo, subtil e despretenciosa. Elle cura pouco de elegancia, mas respira a pulmões cheios o ar penetrante e fresco da critica moderna. Dá-se bem n'uma atmosphaera impregnada de são e vivaz espirito. A *verve*, usando a palavra de alguns seus amigos e dos francezes, é o seu sonho dilecto de cada hora. Em Portugal conhecia-a elle de nome, adivinhava-a, sonhava-a. Quiz vel-a de perto, palp-a, abraçal-a, identificar-se com ella, e por isso, n'uma bella manhã despediu-se de uma lymphatica visinha que, sabendo-lhe da balda poetica, vamente lhe pediu durante cinco annos uma quadra ou menos para recitar ao piano; o poeta vestiu o seu guarda-pó de viagem, chamou um mariola de Tuy, poz-lhe ás costas uma pequena mala, e foi-se para o paiz da tal *verve*, uma femea graciosissima, de amor um pouco cosmopolita, e que ás vezes fuma charutos e bebe cognac e hirsch.

Guilherme de Azevedo vive em Paris. Em vão o Antonio Maria, o Occidente, o Chiado e o café Martinho o apodavam de ingrato, fazendo beicinho ou amos de virgem melindrada: debalde *Zé-povinho*, o eterno Quasimodo do desespero e da sensibilidade, limpava uma lagrima furtiva á manga da jaqueta de burel, suspirando:

—tu vaes deixar-me, sem talvez que o pranto...

O ingrato partiu. A esta hora, o ventre de Paris, — palavras de Zola, — aquelle ventre enorme e fertilissimo, conta-o entre os seus dissecadores e anatomistas.

As gangrenas que se lhe depararem não hão de contamina-las por certo: elle possui os melhores prophylacticos e antisepticos; traz as mãos embebidas em phenato e o seu bisturi de operador, descança muitas vezes entre frascos que tem a marca de Johan Maria Farina.

Qual será agora o futuro litterario d'este moço poeta? E' difficil n'esta conjunctura fazer horoscopos. Do que elle tem sido, o poeta, mais facilmente se discretará.

Em tres epochas podemos talvez dividir a vida litteraria de Guilherme de Azevedo, como diria um professor ingenuo de biographias illustres.

Essas tres epochas são designadas por tres factos: *Radiações da Noite*; *Alma Nova*; critica. Os seus trabalhos criticos, que deram ao Antonio Maria um dos grandes elementos da sua justa e invejavel popularidade, são um pouco estranhos ao meu fito. As *Radiações da Noite* são a manifestação espontanea das faculdades lyricas do poeta. Prepondera ali o sentimento e as aspirações indefinidas dos vinte annos enamorados e florentes. Na *Alma Nova*, o lyrico cedeu quasi em tudo o campo ao pensador; e a poesia social, armada do gladio de Tarquinio entra no jardim das primaveras romanticas, e decepa as flores mais candidas do coração do poeta. Mas o coração dos poetas tem mais vitalidade que as papoilas romanas, e prescinde ás vezes da cabeça para dictar leis por sua conta e risco. Temos exemplos em Guilherme de Azevedo.

Renegadas as suas velhas crenças lyricas, e publicada a *Alma Nova*, com grave escandalo dos pianos de provincia e do cantochão dos sacristas, Guilherme surgiu como um tubarão nefasto nas costas da Povoia de Varzim.

As alciones fugiram esparvoradas; as brisas esconderam-se nas fragas; as estrellas desmaiaram; a lua pediu um copo de agua, e o padre Rademaker foi prégear a outra freguezia.

Por esses tempos, uma formosa creatura, filha de nm titular minhoto, e irmã de dois sympaticos rapazes, muito apreciados em Coimbra e Lisboa, pompeava n'aquellas praias o seu nome e a sua graça de hespanhola, e, oh prodigio! perante os donaires d'aquella nereida, o tubarão fez-se homem, o homem tornou-se romantico, e Guilherme de Azevedo cantou assim:

•O seu nome é gracioso e muito proprio d'ella: respira um vago tom de musica innocente; e lembra a placidez de um lago transparente, recorda a emanção tranquilla de uma estrella.

•Lembra um titulo bem que logo nos revela a idéa do poema. E todo o mundo sente não sei que afinidade entre o seu ar dolente, a sua morbidez, e o proprio nome d'ella.

•E chego a acreditar, — ingenuamente o digo, que havia um nome em branco e Deus pensou consigo em traduzil-o emfim n'uma expressão qualquer.

•De fórma que a mulher suave e graciosa faz parte d'este nome um tanto côr de rosa, e este nome gentil faz parte da mulher.»

A poesia lyrica dos namorados estava vindaga, mas em todo o caso estava ali um renegado, e João Penha, indignado por ver um prosélito do realismo e da idéa nova aos pés de uma G. P., despediu-lhe do alto das suas coleras olympicas esta scentelha coruscante:

•Vate que odeias as brisas, não seifas na ceara alheia: já que sofredas a Idéa, não requestes Cidalisas.

•Prosa e verso tem balizas: tu na prosa és de mão cheia explora portanto a veia d'essas coisas que nos guisas.

•Deixa-me o velho Collares, e as brancas musas sem tosse e o paio dos meus cantares.

•Respeita-me a lyra, e a posse d'estes assumptos vulgares; respeito ao doutor Pangloss.»

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

AS NOSSAS GRAVURAS

BUSSACO — A RUA DA RAINHA

A rua da Rainha, essa formosa rua bordada de gigantes arvores, que dá ingresso ao paraizo chamado Bussaco, tem o seu nome da porta que lhe fica no alto.

Essa porta é conhecida por porta da Rainha, porque foi aberta em 1693 quando a rainha da Gran-Bretanha D. Catharina, tencionava visitar o Bussaco.

A visita da rainha não se effectuou, e os frades do convento, entaiparam essa porta com alvenaria. Mas estava escripto que essa porta devia abrir-se para dar passagem a um rei, e em 1704 a porta foi desentapada para por ella entrar D. Pedro I, em 24 d'agosto, visita descripta na chronica de fr. João do Sacramento.

Em 1872 esta porta foi restaurada, e juntamente com a porta de Coimbra que já demos em gravura no nosso jornal, e as portas de Luzo e de Sulla, constituem as quatro entradas da formosa matta do Bussaco.

A CATARACTA BLU-BLÚ NO RIO AGUA GRANDE EM S. THOMÉ

A gravura que hoje damos, representa a pittoresca cataracta da formosa ilha de S. Thomé, a cataracta do rio *Agua Grande*, a que os indigenas dão o nome de *Blú-blú*, nome euphónico, que traduz o ruido sonoro da corrente do rio, cahindo por alcantilados rochedos, talhados a pique, despenhando-se de grande altura em grossos e ruidosos cachões.

O *Agua Grande* porém, nem sempre tem este aspecto severo e terrivel, pelo contrario, é em certos sitios um riosinho pacato, idyllico, e vem-lhe d'aí varios nomes.

Blú-blú, a qui onde as suas aguas se despenham em furia. *Lava-o pé ali*, onde o indigena o passa a vau; *Agua-Ponte*, além, onde o atravessa uma tosea e pequena ponte de madeira.

Tambem chamam a este rio *Creouta*, mas o nome porque mais geralmente é conhecido, é pelo de rio *Agua Grande*.

O *Agua Grande* atravessa a cidade, separando-a em dois bairros, e desemboca na bahia de Anna de Chaves.

Póde dividir-se em tres partes distinctas: primeira, desde a foz até á cataracta que damos hoje em gravura, passando entre as fazendas do Santo Agostinho e Cerna, Colla, e os terrenos Maria Carlota e Mathilde, a segunda, entre essa cataracta e a passagem *Agua Creouta*, sitio onde o rio toma perfectamente a fórma d'um S; terceira, d'ahi até á sua nascente, a 800 metros acima do nivel do mar, na fazenda *Saudade em Cabeça d'Agua*.

Corre na região oriental da ilha e atravessa mais de 60 fazendas de café e cacau, que tem n'elle um grande elemento de vida, pois offerece grande volume d'agua potavel, que fornece a cidade, e a que já se attribuiram qualidades medicinaes, e não sécca nunca.

O *Agua Grande* tem diferentes pontes de madeira. Quatro na area da cidade, e uma um pouco acima da cataracta, communicando a povoação principal da ilha, com a villa da Trindade.

FRANCISCO VIEIRA DA SILVA

No dia 4 de corrente, Lisboa assistiu a uma das mais honrosas e eloquentes homenagens que um povo civilizado pode prestar á memoria d'um dos seus concidadãos mais benemeritos, á transladação das cinzas d'aquelle que foi na vida Francisco Vieira da Silva. Ha treze annos que este honrado e infatigavel lutador da liberdade e da associação, desapareceu do mundo, mas a demonstração colossal e imponente de que foi no dia 4, theatro, o cemiterio dos Prazeres, prova exuberantemente que se elle morreu, a sua memoria vive ainda querida e respeitada no espirito grato de todos aquelles por quem elle trabalhou, e que o seu nome terá a existencia immortal de todos os homens que trabalham por um grande principio, que vivem por uma santa idéa, que lutam por uma nobre causa.

Francisco Vieira da Silva, filho de Francisco Vieira da Silva e de Henriqueta Joaquina d'Oliveira, nasceu em 26 de fevereiro de 1825, na freguezia de Santa Isabel, de Lisboa.

Seu pae, realista acerrimo, era fanileiro, e destinou-o á vida ecclesiastica, mettendo-o aos oito annos, como noviço no convento de Nossa Senhora da Graça.

Extinto este convento, e não tendo o pae de Vieira da Silva meios para continuar cá fóra os estudos, viu-se forçado a ensinar-lhe um officio. O pequeno Vieira da Silva escolheu a vida de typographo. Seu pae metteu-o então na typographia de José Martiniano da Silva Vieira, seu amigo, e realista como elle, apesar porém da atmosphera politica que o futuro tribuno das classes operarias ali respirou, Vieira da Silva começou desde então a amar ardentemente a liberdade, a ser o apostolo de todas as idéas de fraternidade e de associação, que eram até então recebidas como a ameaça d'um grande perigo, mesmo por muitos dos mais convictos liberezes. Como a sua saude fraca lhe não permitisse um trabalho aturado na typographia, Vieira da Silva começou a ser revisor de varios jornaes.

Em 1845 e 1846, tomou, filiado no partido *setembrista* parte activa nas luctas politicas, pondo energicamente a sua penna ao serviço do seu partido.

Em 1851, Vieira da Silva até então pouco conhecido, poz-se em evidencia rapidamente com um bello discurso que pronunciou n'uma reunião preparatoria para eleições de deputados, pela nova lei de 20 de junho, discurso em que reclamava a representação das classes laboriosas no

parlamento, um circulo para um operario. A idéa exposta com uma enérgica lucidez, foi logo aceite, mas não vingou. Ainda se chegaram a citar nomes de candidatos das classes operarias: e a candidatura do operario José Maria Chaves, fallecido recentemente, foi defendida brillantemente na imprensa por Vieira da Silva e Lopes de Mendonça.

As classes laboriosas, o futuro d'ellas, a sua organização os seus direitos, foram a preocupação de toda a sua vida, e a grande idéa moderna da *Associação* teve n'elle um apostolo convicto, e dedicadissimo.

Em 1852 foi nomeado amanuense das obras publicas, e em 1859 foi comissionado para a subdirectoria do *Diario de Lisboa*, logar que exercia quando falleceu, em 10 de junho de 1868.

Durante a epidemia de 1857, Vieira da Silva prestou relevantes serviços, que foram recompensados com o habito da Torre e Espada.

A vida de Vieira da Silva foi uma vida de lucta e de trabalho constante, nunca ninguém acariçou com mais amor uma idéa, e a defendeu com mais energia e coragem. A *Associação* foi o seu pensamento constante, a associação foi a sua gloria, e foi a associação que ainda ha oito dias, no cemiterio dos Prazeres, fez a sua brillante apothiose.

Vieira da Silva era presidente do Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas, Associação Typographica, Associação dos Canteiros e de muitas outras, teve por amigos e companheiros os homens mais eminentes do seu tempo, entre elles Antonio Rodrigues Sampaio e Visconde de Castilho, viveram com elles, com elles trabalharam, e d'elles teve na hora suprema da morte, as palavras mais honrosas que podem servir de oração fúnebre a um trabalhador honrado e convicto.

Logo depois da sua morte, os seus amigos pensaram em levantar-lhe um modesto monumento no cemiterio dos Prazeres; mas esse projecto esteve muito tempo paralyzado. Agora a Associação dos Canteiros dando impulso a essa grata idéa, construiu-lhe um jazigo; com uma subscrição inicial pelo sr. Ribeiro Gonçalves, mandou-se lavar um busto do infatigavel lutador, para encimar o jazigo; e no dia 4 do corrente ás 4 horas da tarde, effectuou-se com uma solemnidade imponente e desusada, ante um extraordinario concurso de povo, e com a presença de todas as associações que devem a Vieira da Silva a sua existencia, a transladação das suas cinzas para esse jazigo.

A classe laboriosa e trabalhadora pagou pois assim a sua dívida de gratidão a Vieira da Silva. Honra seja a todos!

A EXPOSIÇÃO DE ELECTRICIDADE EM PARIS

As exposições, com se sabe, são a manifestação mais completa dos principios da sciencia applicados ao trabalho e aos usos da vida commum ou individual. Que ellas sejam universaes, e conglobem os exforços do homem em todos os ramos do saber ou da industria, que ellas sejam especiaes e encerrem apenas os descobrimentos e aperfeiçoamentos em certa e determinada especialidade, o seu intuito é sempre o mesmo: [tornar patente e tangivel, se se pôde assim dizer, ao publico os resultados da actividade de todos para o bem commum. Contudo, segundo o nosso entender as exposições especiaes ou de um ramo, parecem ser as mais uteis.

Como exemplo temos a exposição de electricidade aberta no mez passado em Paris. O Palacio da Industria, onde se tem verificado exposições universaes e que se julgou outr'ora sufficiente para esse effeito, parece hoje acanhado para conter em seu seio os productos d'um unico ramo de physica contemporanea. Quando se pensa que a primeira pilha electrica foi construida por Volta no principio d'este seculo, custa a crer o enorme desenvolvimento que o simples aparelho do celebre physico italiano, tomou em tão pouco tempo, e ainda mais se se considerar que a maior parte das applicações e melhoramentos n'este ramo datam de poucos annos.

São nossos contemporaneos, não de hontem são de hoje, e ainda no geral mocos os Jablochhoff, os Swan, os Marxim, os Siemens, os Edison, e tantos outros, e contudo seria um trabalho longo referir todas as machinas e aparelhos que funcionam ou mostram a sua utilidade actual mente n'aquelle edificio.

Foi a 10 de agosto que o presidente da republica franceza abriu a exposição e d'ahi em deante a concorrência tem sido enorme.

Ainda antes de entrar na exposição já o publico pode reconhecer os importantes effeitos da applicação da electricidade. Um tramway electrico de Siemens, de que já demos noticia com gravura a pag. 168 do presente volume, conduz os visitantes da estação situada na praça da Concordia, até ao palacio da exposição junto á porta de leste.

Entrando-se no palacio a metade da nave está occupada pela exposição estrangeira. Veem-se ahi representadas a Inglaterra, a Allemanha, os Estados Unidos, a Hollanda, a Italia, a Belgica, a Russia, a Austria, a Hungria, a Noruega a Suecia, o Japão emfim enchendo um espaço consideravel.

Ao meio do palacio ha um vasto pharol electrico que domina o conjunto das exposições parciaes; eleva-se do centro d'uma bacia ou lago, onde voga uma engenhosa canoa electrica do sr. Trouvé.

Ao lado ha uma estufa de vidros azues, onde o sr. Deherain estuda a influencia da luz electrica sobre os vegetaes.

A outra metade da nave está occupada pela exposição franceza em diversos pavilhões.

A companhia dos caminhos de ferro do norte, do Oeste, de Orleans e de Leste expõem os aparelhos multiplos que empregam: telegraphos, electro-semaphoricos etc; o ministerio dos correios e telegraphos occupa um lugar consideravel do lado d'ocidente do palacio, offerecendo ao visitante uma exposição de interesse consideravel.

Encontram-se ainda n'esta parte do palacio as exposições da Sociedade Graume, Jablochkoff, de Brequet, de Gaston Planté, de Siemens, nomes consiguados por importantissimos descobrimentos.

A galeria do primeiro andar não está menos completa de aparelhos. Vê-se primeiro um elegante theatro onde á noite brilham numerosos focos de luz e onde

com verdadeiro luxo: lustres, placas, tocheiros ou veladores de luz electrica a illuminam; a sala de banho e cosinha, formadas inteiramente de faianças artisticas são notaveis.

Depois da sala da exposição Jamin, encontra-se outra, onde se acham construidos numerosos kiosques, onde se exhibem brinquedos electricos, e aparelhos diversos como

Entre as outras salas, são notaveis a dos accessorios da luz electrica; observa-se a photographia obtida com aquella luz pelo sr. Liébert; a sala das pilhas; a grande sala de honra, onde se encontra a instalação da luz Maxim, um specimen de gabinete telephonico, passa-se tambem pelo museu retrospectivo, onde estão reunidas innumeradas curiosidades da historia da electricidade, a

AFRICA PORTUGUEZA



CATARATA BLU-BLU NO RIO AGUA GRANDE EM S. THOMÉ (Segundo uma photographia)

estão expostos despertadores electricos d'incendio. Segue-se uma galeria de quadros e esculpturas illuminada pelos raios do arco voltaico, cujo effeito é magnifico; a *Union League Club de New-York* faz uso ha alguns mezes da luz electrica de Maxim para este fim.

Ha depois uma habitação completa composta de salão, ante-camara, sala de jantar, cosinha, casa de banho, onde funcionam illuminadores electricos, campainhas, quadros de reclamo, luzes, marcadores automaticos para bilhar e tudo quanto a electricidade pôde proporcionar ao conforto da vida moderna. Esta divisão está ornada

pequenissimos barcos, que obtiveram completo successo. Nota-se ainda n'esta sala a exposição muito bem installada da *Societè d'Aérostation météorologique*.

Atravessam-se as salas de telephones que á noite atrahem uma multidão consideravel. Pôde-se dizer que se entrou ali no dominio da feiticaria, da bruxaria, de tudo o que ha de sobrenatural. O visitante applica o ouvido ao telephone ouve cantar os artistas na Grande Opera, ou declamar os actores no Theatro Francez. Este admiravel resultado foi obtido pelo emprego de microphones particulares do sr. Ader.

bibliotheca, a sala de leitura, e finalmente a sala do Congresso, onde mais de 300 pessoas poderão sentar-se.

Ao lado da sala do Congresso, duas grandes divisões estão completamente preenchidas pela exposição de Edison. São tão conhecidos os trabalhos do celebre physico americano, que todos sabem o que podem alli estudar; o telegrapho quadraplo, o electro-motographo, e o phonographo. Outros aparelhos são expostos com uma profusão espantosa por este maravilhoso physico.

Sobre a galeria do primeiro andar vê-se funcionar o aparelho d'um pequeno balão dirigivel, construido pelo

sr. Gastão Tissandier, que funcionou cheio de hydrogenio deante do presidente da republica. Está preso a um aparelho que permite fazel-o funcionar facilmente e de mostrar que o seu helice de propulsão pode vencer a resistencia do ar, quando gira sob a acção d'um motor dynamo-electrico actuado por pilhas secundarias de G. Planté, E' este balão um modello reduzido a um decimo do que aquelle physico tem tenção de construir, e de que daremos conta proxivamente.

Por esta rapida resenha, resumida de um artigo de um jornal estrangeiro se pode imaginar o que será aquella exposição, especialmente á noite quando as luzes Jablochhoff e Werdermann, Maxim e Edison, de Lontin, de Brush, de Jamin, de Swan, de Siemens, de Reynier e de tantos outros postas em competencia, tornarão aquelle recinto n'uma coisa phantastica.

Felizes aquelles que podem gozar tão instructivo, e tão esplendente espectáculo.

R.

O PELOURINHO DE VILLA-VIÇOSA

Quando alguma vez se escrever a historia da arte portugueza, hão de os pelourinhos constituir n'esse livro um dos mais interessantes capitulos. E quem com essa tarefa sobrecarregar seus hombros sentirá então magoadamente, mas sem remedio já, o avultado alcance das lacunas que se lhe offercerem, — lacunas tanto mais para lastimar, quanto o curioso estudo dos poucos exemplares ainda existentes mostrar e provar que, em summa, vêr esto ou aquelle, não é exactamente o mesmo que vêr est'outro ou aquell'outro; obedientes todos a um principio de unidade na sua configuração geral



FRANCISCO VIEIRA DA SILVA (Segundo uma photographia de Bastos)

destacam-se entretanto singularissimamente uns dos outros pelos accessorios da arte ornamental.

Maltratada pelos estrangeiros, tanto pelos invasores como (o que ainda é mais de admirar!) pelos proprios aliados que n'ella puzeram pé a titulo de protectores, — maltratada sobretudo pelo feroz indigena, o mais damninho bicho que pôde imaginar-se, para as coisas d'arte, — a nossa terra tem visto sumirem-se, perderem-se, desapparecerem muitos e muitos de seus monumentos como se não bastasse já por si a acção fatalmente devastadora dos seculos, ou de tempo em tempo o inesperado cataclysmo de um terramoto.

Pois, verdade, verdade — e verdade bem triste para dizer-se! — poude mais que o decorrer das eras e mais que o tremendo arruinar das convulsões terraqueas a má vontade, a ignorancia, a brutalidade bestial de certa gente nossa que, se n'algumas occasiões sabe dar mostras de que lhe palpita no intimo o fogo sagrado e vital da nacionalidade, n'outras (por uma deploravel antithese) parece effectivamente denunciar aquelle estado pathologico de que os histologistas fallam — o estado de regressão.

E se não fór nos templos e nos mosteiros, — nos que não estão ainda convertidos em palheiros ou poeligas; — se não fór nos velhos tumulos que ainda por ahí se encontram marcando as variadas phases da arte esculptural; — se não fór nos pelourinhos dos nossos antigos municipios, — n'aquelles que por ventura tenham escapado ao camatello reformador dos illustrados vereadores — estragado, implastrado, modernizado como está tudo, eu não sei devéras onde se estude a historia da arte portugueza.

A propósito de pelourinhos... ora digam-me: — não faz mesmo pena ir vendo tombarem de dia para dia essas antiquissimas e elegantissimas colum-



EXPOSIÇÃO DE ELECTRICIDADE NO PALACIO DA INDUSTRIA EM PARIS

nas, que nos annos artisticos do nosso paiz constituem documentos interessantes e altamente recommendaveis, já pelo lado historico, já pelo architectural, já pelo esculptural?

E que é que se faz?

Que são em grande parte por essas aldeias fóra as camaras municipaes da nossa terra?

E mr. Hughes que o diz (não sou eu), no seu livro *Revelations of Portugal*, quando apresenta da entidade «vereador» a definição seguinte: — *an animal in the Peninsula that sometimes cannot write his name* (uma besta que ás vezes nem o seu proprio nome sabe escrever!).

Um concelho conheço eu no districto administrativo de Santarem, — concelho, cujo nome por vergonha não quero aqui dizer, e onde os dois pelourinhos antigos que havia de Tancos e da Atalaya (mau... lá dei com a lingua nos dentes, sem querer!) derrocaram-n'os e quebraram-n'os.

Assim o decretou um alvar synhedrio de boças mas infatuados labregos, que por desgraça do respectivo municipio empunhavam em certo biennio as varas da re-creação.

Diz que eram uma indecencia aquellas velharias ali, padrões de ignominia, recordações de tempos barbaros e ominosos.

Liberalões... até áquelle ponto!

Faz-me isto lembrar o que uma vez me contaram do padre José Agostinho de Macedo.

Tinha elle ido prégar a uma terrola dos saloios. E, quando desceu do pulpito, ao entrar na sacristia, correu a dar-lhe os parabens e a mostrar-lhe o seu alto agrado um dos festeiros, — um camponio que era ainda parente arredado do celebre orador.

— Um sermão assim... só o primo! que gloria para nós todos!

— E vossemecê que o intende!... retrucou-lhe o frade.

Aplico el cuento.

E já que as nossas vereações consagram geralmente á conservação dos monumentos patrios menos attenção do que para desejar seria, tentemos nós ao menos, quanto possível, attenuar os effeitos d'esse medonho attentado, — d'esse crime (dizei mesmo) de lesa-civismo, d'essa vergonhosa demonstração d'indifferentismo, estupidéz e desmazello, — perpetuando nas columnas do nosso periodico, reproduzidas em gravura, essas venerandas reliquias d'arte que ainda milagrosamente subsistem, esses preciosos monumentos historicos sobre que um dia a desventura pôde tambem fazer cahir com os irresistiveis golpes da sua bruteza, o camartello do analphabetismo.

Salvemnos, pois, de um cataclysmo futuro, muito possível, a memoria d'essas respeitaveis antigualhas.

Prevendo sempre a possibilidade de que por qualquer causa eventual venham algum dia a desaparecer os poucos monumentos que hoje nos restam, mesmo aquelles que ora se conservam estimados e apreciados, a Empresa do OCCIDENTE presta um serviço aos vindouros deixando-lhos aqui estampados em suas paginas.

O OCCIDENTE que a pag. 56 do volume I apresentou desenhado o imponente pelourinho de Campo-Maior, e a pag. 100 do mesmo volume o originalissimo pelourinho de Bragança, resolveu hoje brindar seus leitores proporcionando-lhes o ensejo de admirarem o elegante pelourinho de Villa-Viçosa.

Representa elle uma esbelta, elegantissima columna, assente n'um pedestal quadrangular, e superiormente rematada por um caprichoso ornato de fórma espheroidal, sobriamente rendilhado. Sem apresentar em sua estrutura especialidade caracteristica, de que deva fazer-se particular menção, constitue entretanto na serie dos nossos pelourinhos um bonito exemplar da arte gothica.

XAVIER DA CUNHA.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

OS COMETAS E O GRANDE COMETA DE 1881

Na noite de 22 para 23 de junho, em virtude d'aquelle movimento viu-o o sr. Bigourdan em Paris, por cima do Monmartre, e em Lisboa distinguio-se tambem na noite de 23. Nas regiões mais septentrionaes da Europa travea, havia muito, o seu curso diurno acima do horizonte, mas estava mergulhado nos longos crepusculos estivos de S. Petersburgo, não se vendo no seu brilhantismo pela falta quasi completa de noite.

O sr. Gould fez notar desde o 1.º de junho que a orbita do novo cometa, calculada pelas suas observações, apresentava bastantes analogias com a do cometa de 1807, calculado por Bessel. Ora este astrónomo tinha, segundo as suas observações, assignado a este cometa uma revolução de 1714 annos, com um erro possível de 300 a 400 annos para mais ou menos, e apesar da perfeição das observações de Bessel, seguidas desde 9 de Setembro de 1807 até 27 de março de 1808, e do grande cuidado empregado nos seus calculos, bastou aquella indicação de Gould, para se affirmar indiscutivelmente que o cometa é o mesmo, cujo verdadeiro periodo de revolução é de 74 annos, e portanto os nossos netos, e acaso poucos dos nossos filhos terão o gosto de o verem em 1955. Se isto é ou não exacto, não seremos nós que o saberemos, aquelles o verificarão.

Effectivamente os elementos calculados por Bessel, para o cometa de 1807, comparados com os calculados por Gould para o grande cometa d'este anno, offerecem muita analogia, como se pôde ver recorrendo a qualquer publicação scientifica; seguem os dois astros tambem caminhos muito semelhantes, em orbitas quasi perpendiculares ao equador, que percorrem no mesmo sentido, mas as posições dos seus perihelios differem mais de 6°, os nucleos são distantes mais de 3º, tendo em conta a

precessão dos equinócios, diferenças assaz consideraveis para serem attribuidas a erros de observação. Esperemos pois que se collijam as observações feitas em todos os pontos da America e Europa, e depois de feito com relação a este astro um trabalho tão completo como o de Bessel, para o de 1807, se poderá talvez resolver completamente a questão. Mas se se verificar que é o mesmo astro, deve ter soffrido na sua marcha alterações poderosas, por que não é possível tal differença em calculos tão perfectos.

Pena é que Portugal, que possui estabelecimentos scientificos tão importantes, não possa apresentar trabalho nenhum sobre este assumpto, pois segundo nos informaram, nem no observatorio d'Ajuda, por andar em arranjos, nem no da Escola Polytechnica de Lisboa, por causa desconhecida, nem no da Universidade de Coimbra, se fez ou pode fazer observação alguma! E na realidade lamentavel, que, ao menos, não esteja sempre um d'esses estabelecimentos em estado de serviço immediato e constante.

Foi a 16 de junho que o cometa passou mais perto do sol, do qual apenas esteve afastado setenta e tres centessimos da distancia media d'aquelle astro á terra, sendo a 19 que se achou mais perto d'ella, apenas viute e oito centessimos d'aquelle distancia, ou cerca de dez milhões de leguas. Depois d'isto afastou-se rapidamente dos dois astros.

Veio pois o cometa muito perto de nós, e diz-se, que encontrará no seu caminho Urano ou Neptuno. Não faltam profetas para annunciar os resultados d'este encontro, até já ha quem diga que hade ferver o mar e assarem se os peizes dentro, infelizmente já não poderemos saborear esse novo assado, porque a cessa hora estariamos já feitos em torresmos. Predisse-se este successo para 15 de agosto, e o calor ia quasi fazendo com que a gente acreditasse a profecia, mas o fresquinho que tem acompanhado estas noites, faz desconfiar que os peixinhos venham a ser cosidos na neve. Será isto effeito do novo cometa?

Que influencia pôde exercer sobre a terra um astro muito menos luminoso que Venus, e a uma distancia proximoamente igual da d'este astro? Já Arago, na sua *Astronomia popular*, discutiu com a sua auctoridade e espirito habitual a probabilidade de um tal choque e dos effeitos attribuidos á influencia dos cometas.

Os elementos calculados até hoje não permitem nem affirmar, nem negar o encontro do astro com o planeta Urano, mas ainda que elle se dêse a sciencia e a experiencia fizeram-nos conhecer já as suas consequências; para o cometa seria uma mudança de orbita, talvez completa, e para o planeta uma chuva extraordinaria de estrellas cadentes. A 27 de novembro de 1872 a terra encontrou com um dos fragmentos do cometa de Biela, ou ao menos com uma corrente de corpusculos cometaes, que primitivamente lhe haviam pertencido e que zeguem o mesmo caminho que elle seguia no espaço.

Os astrónomos que observaram aquelle phenomeno, foram testemunhas, na noite d'esse dia, de uma das mais esplendidas aparições de estrellas cadentes de que ha memoria. Se pois viesse a terra a encontrar o nucleo de um cometa, o resultado seria aquelle, com intensidade tanto maior quanto o cometa fosse mais consideravel. As consequências d'aquelle grande chuva de meteoritos não seriam certamente insensiveis nem sobre a temperatura nem sobre a constituição da nossa atmosphera.

Se Urano ou Neptuno encontrar o cometa, ficará o espaço com um astro de menos, a atmosphera do planeta soffrerá naturalmente um augmento de temperatura temporario, mas tós nada sentiremos, nem o movimento de Neptuno ou Urano será alterado por isso, como o não seria o de uma locomotiva encontrando um enxame de abelhas.

Quando o cometa appareceu no ceu boreal, tinha já passado no perihelio, e experimentalmente essas transformações tão singulares e rapidas, que em 1874 se haviam observado no grande cometa de Coggia, e que se podem ver no Tratado dos Cometas de Guillemin. As nossas gravuras de pag. 200, resumem as observações, com relação ao cometa d'este anno, feitas no observatorio de Paris nos dias que vão n'ellas indicados, e formam o seguimento d'aquellas. Mostram ellas a apparencia de um cometa que se vae afastando ao mesmo tempo do sol e da terra.

Em todas estas figuras vê-se o nucleo dar origem a jactos de materia luminosa, quasi sempre dyssimetricos, que se abrem em leque e curvam para traz, indo fundir-se na cauda do cometa. Apesar da pureza do ceu, e ausencia da lua, que favoreceram as observações, os contornos dos involucros do cometa nunca poderam ser tão nitidamente marcados como os do cometa de 1874. Não foi possível surprehender pormenor algum da cabelleira do astro, cujo nucleo no seu afastamento parecia fundir-se n'uma nebulosidade esverdeada, mal definida.

O brilho do cometa, a olho nu, era tal que muitas pessoas o compararam a uma estrella de primeira grandeza, mas o brilho intrinseco do nucleo foi sempre tão fraco, que jamais attingiu o de uma estrella de 3.ª Em Inglaterra obtiveram-se photographias do cometa inteiro mas por posições de uma hora.

Os resultados porém mais importantes são os fornecidos pela analyse da luz das diversas partes do cometa, pelas indicações precias que nos dão sobre o estado physico e chymico do astro.

Tem-se verificado, em todos os cometas observados que o espectro do astro é tripla. Sobre um espectro continuo muito pallido, pertencente a todas as regiões do astro, destacava-se uma fita de luz, muito estreita e viva, que nos primeiros dias apresentava cores assaz accentuadas: era o espectro do nucleo. Na região do amarello-alaranjado obteve Huggins pela photographia linhas negras na parte mais refrangivel. Segundo as affirmações d'este sabio, a luz do cometa é produzida á custa do sol, e o seu nucleo seria um corpo solido ou liquido allumiado por aquelle astro, ou uma reunião de corpusculos semelhantes.

Finalmente a fita formada pela luz dispersa do nucleo era cortada transversalmente por tres fachas luminosas: uma verde mais brilhante e extensa, perfectamente marcada sobre o seu bordo menos refrangivel, esbatendo-se enfraquecendo e diminuindo de extensão do lado opposto; outra amarella mais pallida, a terceira azul ainda mais pallida, ambas menos extensas e mais diffusas que a primeira. Parecem as mesmas que se tem observado nos outros cometas; e conquanto em Paris não se podesse perceber, como succedem com o cometa de Coggia, uma quarta facha violeta, que se tem observado no geral dos cometas, em Greenwich, parece ter sido vista.

Desde as primeiras observações do espectro cometal se tem reconhecido a analogia d'estas fachas com as do espectro dos carburetos de hydrogenio. Queirando benzina, gaz de illuminação, alcool ou ether, ou fazendo passar um effluvio electrico atravez do vapor muito dilatado d'estes corpos, sempre se obtem um espectro com aquellas quatro fachas igualmente dispostas e com o mesmo aspecto. Todos estes corpos se resolvem em um mesmo gaz composto, mais simples e mais estavel: a acetylena provavelmente.

Ha pois não só analogia, mas identidade, segundo Hasselberg; portanto o nucleo dos cometas seria cercado de uma atmosphera incandescente de hydrogenio carbonado; este gaz pois, derivando do nucleo sob a influencia do calor solar, produziria os involucros moveis e os pennachos ondulantes, que mostram os desenhos do cometa.

Outras pequenas chammas ou protuberancias, de posição indeteminavel, indicam seguramente nas regiões mais luminosas e quentes da atmosphera cometal a presença de outros gazes ou vapores; outras observações, feitas sobre as estrellas cadentes, arreatadas a um cometa ou enxame que o acompanha, pela atracção terrestre, tem mostrado, pelo espectro da sua luz, a existencia n'esses corpusculos do sodio, do magnesio e do ferro. O nucleo de um cometa é pois composto dos mesmos elementos principaes que constituem todos os astros, e que se tem observado nos meteoritos caídos do espaço, e associados muitas vezes a materias carbonosas e hydrogenadas.

O calor solar fazendo soffrer a esses compostos, no perihelio do cometa, uma verdadeira distillação, daria origem á atmosphera movei revelada pelo oculo e pela analyse espectral.

Discorrendo com a fenda do espectroscopio sobre um cometa, a partir do nucleo, encontram-se as fachas luminosas em toda a região que o rodeia e quasi á mesma distancia de todos os lados; estas fachas extinguem-se depois, e na cauda do cometa a luz se resolve em um espectro muito pallido, mas continuo, o que nos demonstra que a cauda do cometa contém uma substancia material solida ou liquida, certamente pulverulenta. O que se não sabe por ora é se ella é illuminada ou luminosa de si.

Por varias observações e considerações, inintelligiveis para a maioria dos leitores, se reconhece na atmosphera cometal uma luz propria, e outra reflectida do sol, e na cauda apenas esta.

Assim são rejeitadas todas as hypothezes que admittiam a immaterialidade da cauda dos cometas, quer seja a de Cardan, que no seculo XVI via n'ella um raio de luz solar refracto e condensado pelo nucleo, quer a do sr. Flammarion que a considera uma illuminação electrica do ether imponderavel. Hoje, como ha trescentos annos, não pôde haver luz nem manifestação electrica visivel sem a presença d'um meio material.

Mas qual é esta materia? como obra ella para produzir os immensos pennachos luminosos que acompanham os cometas. Diversas opiniões se tem apresentado, sem que contudo nenhuma apresente um resultado definitivo. As theorias de Roche, e as tentativas notaveis dos srs. Schwedow, d'Odessus, e de Virlet d'Aoust fazem prever a resolução breve do problema.

De varios tratados de Astronomia, e de um artigo de Wolf do Observatorio de Paris, extrahimos estas notas, para conhecimento dos menos sabidos; se tivermos noticia de novas observações sobre o ultimo cometa não deixaremos de as communicar aos nossos leitores.

R.

CONGRESSOS ANTHROPOLOGICO E LITTERARIO

TRABALHOS DOS CONGRESSOS

Em uma das ultimas sessões do congresso da anthropologia, o sr. Adolpho Coelho apresentou uma nota: *Sobre a pretendida relação entre os macrocephalos e os cimbros*. D'este erudito trabalho, que causou profunda impressão n'aquella assemblea de sabios, pela sua argumentação de uma logica vigorosa, e de que o sr. Cartailhac, apenas deu uma noticia um tanto vaga, vamos dar um resumo, graças á benevolencia do seu auctor, que n'isto nos quiz auxiliar.

Na 8.ª sessão d'este congresso em Euda-Pesth (1876), apresentou o sr. Lenhossek um dos sete craneos com deformação macrocephala, descobertos na margem do Tisza (Hungria).

Essa apresentação deu logar a uma discussão, em que tomaram parte varios sabios, e entre elles o illustre Broca, cuja morte recente tão deploravel foi para a sciencia, attribuindo-se aquella peça a uma raça particular que praticava a deformação craneana. Broca não quiz vêr n'ella um craneo tartaro, proveniente da invasão d'este povo na Hungria em 1241, ou da conquista dos turcos em 1526, de cujo exercito formavam parte integrante os tartaros; mas, remontando mais atraz, punha em relação a existencia d'esse craneo, nas margens do Tisza, com certos factos de deformação artificial do craneo,

Conhecidos pela noticia dos antigos, ou pela observação moderna, isto é com os macrocephalos d'Hippocrates, a deformação tolosana, a das Deux-Sevres, etc.

Segundo elle todos os craneos macrocephalicos descobertos na Europa, procedem d'um só povo, a que Hippocrates e outros escriptores antigos deram o nome de *Macrocephalos*; é a esse povo que se deve a implantação do uso da deformação artificial do craneo, que se manteve até hoje em diversas partes da França. Esse povo que habitava junto do Palus Meotides, devia ser um dos povos Cimmericos, que nem todos tinham aquelle costume.

Os Cimmericos teriam percorrido a Europa inteira na idade do bronze. Uma parte d'elles, que depois da invasão scythica, de que nos fala Herodoto, não passou para a Asia, ter-se-hia dirigido provavelmente para o oeste e norte da Europa.

Encontram-se aqui, diz Broca, menos de cincoenta annos depois, sob o nome de *Kimris* ou de *Kymris*, que ainda hoje attribuem a si os habitantes do paiz de Galles, na Gran-Bretanha, e mais tarde, sob o nome de *Cimbri*, adoptado pela pronuncia latina (!). Deve o *Jutland*, a elles, ter sido chamado pelos romanos a *península cimbrica*, e é do seu nome que os modernos fizeram derivar o da raça kimrica, uma das duas grandes raças gaulicas. Penetraram na Gallia a través do Reno; ali se entranharam, com as suas repetidas invasões, quasi até ao sul, e, depois de luctas violentas, que provocaram grandes movimentos de povos, ficaram definitivamente senhores de toda a Gallia belgica, comprehendida entre o Sena, o Marne e o Reno. D'aqui passaram á Gran-Bretanha, cuja parte meridional occuparam completamente. Outros povos kymricos atravessando a Helvecia e os Alpespinos, foram estabelecer-se na Alta Italia; d'este numero eram os Boianos, cujas tribus numerosas se espalharam ainda por toda a região comprehendida entre o Meno e o Danubio e até á Boemia, que conservou o seu nome.*

Esta theoria do illustre anthropologo era toda baseada, como se vê, sobre duas equações ethnicas, admittidas por muitos historiadores e ethnologos, com quanto a sua falsidade esteja ha muito provada por argumentos de inabitavel valor: — segundo estas equações:

Os Cimrios são os Cimmericos;
Os Kymry são os Cimbricos.

Ainda que a opinião de Broca achasse alguma resistencia nos anthropologos e archeologos do Congresso de Buda-Pesth, nenhum porém affirmou com factos positivos a falsidade das duas equações. Esse silencio singular, testemunha um facto triste: é a falta de conhecimento que a maior parte dos anthropologos, archeologos, ethnologos e historiadores tem d'um grande numero de demonstrações da philologia e da glottologia.¹

O mais antigo testemunho acerca dos Cimmericos encontra-se na *Odyssea*; mas achando-se hoje demonstrado o caracter phantastico da maior parte dos dados da geographia homerica, apesar dos entusiastas, devemos deixar de falar dos cimmericos homericos.

Assim as mais antigas noticias historicas sobre esse povo, temo-l'as em Herodoto, como o congresso sabia, e pelo que não repetiria o que o velho historiador nos refere da sua expulsão da Crimea, pela invasão scythica, nem o que sabemos, pelos historiadores gregos, pela elegia jonia e pelas inscripções cuneiformes do seu destino na Asia menor.

Fundados em tres equações ethnicas, deduzidas de Strabão:

Cimmericos, chamados Trezos;
Os Trezos nação Cimmerica;
Os Trezos que são Thracios;

concluiu o sr. d'Arbois de Jubainville, que os Cimmericos eram Thracios.

Para o sr. Adolpho Coelho não bastam as asserções de Strabão; os textos classicos não os considera, como muitos outros, uma coisa sagrada sobre que se póde jurar. A verdade é que nenhum testemunho nos permite admittir que os Cimmericos tivessem emigrado para o chersoneso cimbrico, ou para qualquer outra parte da Europa central ou occidental.

É verdade que Possidonius, no fim do segundo seculo antes da nossa era, quando se deu a grande invasão cimbrica, emittiu a hypothese, mas só como hypothese, de que os Cimrios fossem os Cimmericos. O unico fundamento era a similhaça dos nomes e o caracter invasor dos dois povos. Essa identificação foi repetida por Strabão, Diodoro de Sicilia e Plutarcho; menos exigentes alguns credulos do nosso tempo ollharam a hypothese como facto provado.

As fórmulas dos dois nomes são bem fixas nos antigos escriptores. O nome de *Cimmericos* é, além d'isso, transcripto assas fielmente nas inscripções assyricas por *Gimiri*.

Se pouco sabemos de exacto á cerca dos Cimmericos, povo desaparecido muito cedo e completamente do theatro da historia, possuímos pelo contrario dados assaz positivos com relação aos Cimbricos.

A falta de critica com que em nosso tempo a maior parte dos escriptores tem tratado a questão dos Cimrios foi, que ponde pôr em duvida que elles fossem germanos.

Na antiguidade, além da hypothese da sua origem cimbrica, vemol-os chamar ora gallatas ou celtas, ora germanos. É mister distinguir a epocha a que pertencem esses diversos testemunhos.

* Não é completamente exacto isto. Sabemos que no congresso de Buda-Pesth. o sr. Hunfalvy apresentou algumas observações de linguistica a este respeito, faltando-nos elementos para verificar quaes fossem.

¹ O sr. Henri Martia na sessão da Sociedade d'Anthropologia de Paris de 15 de Julho de 1877, falando de Arbois de Jubainville, ja-tamente a proposito dos cimbricos, faz uma observação exactamente opposta a esta; isto é, de aquelle philologo se preocupar apenas de textos antigos e dados linguisticos, sem aproveitar as novas luzes que fornecem a archeologia e anthropologia, nem as tradições populares.

ntigos confundiram por longo tempo os germanos com os celtas; só os romanos, depois que tiveram um contacto mais intimo com aquelles dois grupos, os souberam distinguir.

A confusão dos cimbricos com os gallatas é um erro que se acha em Diodoro de Sicilia (5,32) e em Appiano (Illyr., 4); por essa confusão os citados historiadores fazem ir os cimbricos até Roma e Delphos, contra tudo o que se sabe da historia d'elles.

Vemos tambem os Bastarnos chamados gallatas. Não devemos pois admirar-nos de que Sallustio chame aos cimbricos gallos (Jug. 114). Alguns escriptores posteriores a Floro, podiam continuar a confusão, tanto mais facilmente, quanto menor fosse a sua critica, porque supporiam que os mais antigos textos seriam mais importantes, com relação á origem dos povos. Na inscripção d'Ancyra, o celebre testamento d'Augusto, são os cimbricos considerados como germanos, do mesmo modo que em Plinio, Tacito e nos escriptores gregos Strabão e Plutarcho que se serviam de fontes romanas posteriores á epocha em que escreveu Julio Cesar. As discordancias dos textos explicam-se pois sem difficuldade.

Observa ainda, o auctor, que os cimbricos continuaram popularmente a ser chamados gallos (vid. Plin. H. n. 35, 4 e Cicero *de oratore* 2, 65). Grimm pensa que o nome de Cimbrico é germanico e teria a significação, que lhe attribuiram Festo e Plutarcho, de ladrões; a pirateria e o roubo estavam primitivamente longe de serem consideradas como occupaões infames. Zeus demonstrou que os nomes dos chefes cimbricos em Orosio eram germanicos, excepto um *Botorix*, que podia bem ser um nome germanico celtizado.¹

As feições ethnographicas dos cimbricos, em que se quiz ver uma prova da sua celticidade, nada tem que nos obrigue a fazel-os considerar como celtas. As plumas e figuras de animaes dos seus elmos, recordando-nos a paixão dos germanos, descriptos por Tacito (Germ. XV) pelas armaduras, coberturas de cavallos e collares.

Uma particularidade do culto dos cimbricos é inteiramente germanica. Sabemos por Strabão que a embaixada cimbrica, a Augusto, presenteou este imperador com um caldeirão sagrado. Ora é assaz conhecido o papel do caldeirão no culto germanico. Era no caldeirão do sacrificio (*Klutbollar*) que se fazia cair o sangue da victima. (Vidê Grimm. *de Mythol* 3, pag. 49).

Não ha prova de que os cimbricos praticassem a deformação macrocephalica; e o auctor não sabe que se tinham encontrado no Jutland craneos d'aquella especie. Portanto a primeira equação fica demonstrada falsa.

Quanto á segunda — *Cimbri, Kymry* — baseia-se apenas na similhaça dos nomes. Zeus e Glock demonstraram á evidencia que se o nome de *kymry* (plural), existisse na epocha gallo-romana teria a forma de *combroges* (*cymro* está por *cymro* de *cymbrog, cymrog*); o nome de formação similhante a *Atobrogos*; enquanto este significava *alienigenis*, estrangeiro, aquelle exprimia a idéa opposta, *compatriota*. O nome *Cymry*, como designação nacional, apparece só depois das invasões dos anglos e saxões, na Gran-Bretanha.

É pois necessario fazer desaparecer para sempre da ethnographia essa desgraçada identificação dos *Cymry* ou *kimri* e *cimbri*. *Cymry* só pode designar os habitantes do paiz de Galles.

O anthropologo está no seu terreno quando distingue na França moderna ou na antiga Gallia, varios typos phisicos, mas não tem o direito de lhes dar nomes que façam suppôr certas relações que não existem.

A deformação macrocephalica foi praticada sem duvida na antiguidade, como o é ainda hoje por povos de muito diversas origens. A *estopada*, que ainda ha pouco se praticava entre algumas povoações de Portugal, e que consiste em envolver a cabeça do recém-nascido com estopa embebida em clara de ovo, comprimindo-a fortemente, é talvez um vestigio olvidado d'essa deformação. Para que pois aceitar uma theoria ethnica que se baseia sobre a hypothese da identidade de origem dos vestigios de um costume observado na Europa, e sobre falsas identificações onomasticas?

Concluida a leitura da interessante Nota do sr. Adolpho Coelho, falou o sr. Vila Nova com relação ao costume da *Estopada*, assegurando encontrarem-se ainda na Hespanha praticas similhantes.

O congresso, ouvindo essa communicação, incitou com instancia o illustre ancião a estudar com interesse estes factos de deformação.

Com isto daremos fim aos trabalhos do Congresso de anthropologia e archeologia prehistorica, agradecendo aos srs. Carlos Ribeiro, Delgado e mais empregados da Secção Geologica, e aos diversos membros do congresso, que nos favoreceram com os seus trabalhos, apontamentos, esclarecimentos e photographias, a sua importante coadjunção; sem o que não poderíamos fazer mais que uma simples traducção do Relatório do sr. Cartailhac que em muita parte, de grande auxilio nos foi.

(Continúa)

R.

O JARDIM D'ACCLIMAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

Todos os estrangeiros que passam pelo Rio de Janeiro fazem os maiores elogios ao seu novo jardim d'acclimação, jardim que foi inaugurado ha pouco mais d'um anno, em 7 de se-

¹ Já depois d'estes trabalhos o Inglez Canon Rawlinson publicou a sua *Ethnographia dos Cimbricos*, onde julgou refutar todos os argumentos pelos quaes se pretendia provar que os cimbricos eram germanos, reforçando a opinião que os faz celtas. O dr. Dally na *Revue de Anthropologie*, que Broca dirigia, analysando aquelle trabalho, não se conforma com Rawlinson, antes julga os cimbricos, escandinavos, germanos ou mais provavelmente finlandezes.

tembro de 1880, e que cada vez mais apreciado pela população do Rio e pelos estrangeiros, se tornou rapidamente um dos mais formosos jardins do mundo.

O jardim foi delineado e executado pelo sr. Glaziou botânico e architecto habil, que soube tirar da uberrima flora brasileira todo o partido possivel.

No jardim ha uma queda d'agua que é uma verdadeira obra d'arte e produz bello effeito. Os rochedos que a rodeam são cavados por grandes grutas artificiaes, ornadas de stalagmites, que produzem os effeitos mais inesperados, e atravessados por correntes d'agua que completam a illusão.

Para a cascata, que se presta muito a uma illuminação esplendida, vae-se por uma ligeira e elegante ponte de madeira.

Em frente da cascata ha um monolitho, um grupo de esculptura que representa um combate entre o tigre e o homem, feito pelo esculptor Després.

O jardim d'Acclimação foi começado no tempo do ministerio do visconde de Rio Branco, e custou mais de mil contos.

APONTAMENTOS PARA A VIDA DO DIABO

Rico leitor da minha alma! você está-se mordendo de inveja pela minha erudição moiresca... pois olhe que ainda cá me fica muito mais; comprei-a toda por sete tostões, que foi quanto me custou um exemplar da traducção em francez do *Koran*, ou *Houran*, ou como demo se chama, feita por M. Kasimirski, interprete da legação franceza na Persia. É justamente d'esse livro que vou traduzir o que segue:

10 *Nós vos creamos e vos demos a forma, depois dissemos aos anjos: Inclinae-vos diante de Adam; elles inclinaram-se, excepto Eblis, que não se inclinou.*

11 *Deus disse-lhe: Que te impede de te inclinares diante d'elle, quando eu t'o ordeno? Valho mais do que elle, disse Eblis, tu me creaste de fogo, e a elle de lodo.*

12 *Sae d'aqui, lhe diz o Senhor, não deves encher-te de orgulho n'este logar. Sae d'aqui, tu serás despresivel.*

13 *Concedei-me o arrependimento, até o dia em que os homens resuscitem.*

14 *Tu o tens, respondeu o Senhor.*

15 *E por que tu me perdeste, eu desciarei os homens do direito caminho.*

16 *Eu os assaltarei por todos os lados; apresentar-me-hei á sua direita e á sua esquerda e decerto que bem poucos te serão reconhecidos.*

17 *Sae d'aqui, lhe diz o Senhor, sae d'aqui coberto de opprobrio e repellido para longe: contigo e com os que te seguirem encheri o inferno.*

18 *Tu, Adam, habita com tua esposa o jardim, e ambos vos comei os mesmos fructos que quizerdes, mas vos não aproximareis d'esta arvore, por que ficareis culpados.*

19 *Satanaz os tentou para mostrar-lhes a sua nudez, que ainda não tinham conhecido. Elle disse-lhes: Deus prohibiu-nos esta arvore para vos não tornardes anjos, e para não serdes immortaes.*

20 *Elle jurou-lhes que era seu conselheiro fiel.*

21 *Seduziu-os e os cegou, e depois que provaram da arvore, a sua nudez appareceu-lhes, e começaram a cubrir-se com folhas do jardim. O Senhor lhes disse então: Não vos prohibi eu esta arvore? Não vos disse que Satanaz era vosso inimigo declarado?*

22 *Elles (Adam e Eva) responderam: Senhor, nós somos culpados, e se tu não tens piedade de nós estamos perdidos.*

23 *Sahi, lhes diz o Senhor, vos sereis inimigos um do outro (o homem e o diabo). Vos habitareis na terra, e tereis ali um goso temporario.*

24 *Ahi vivereis, ahi morrereis, e d'ahi sahireis um dia.*

Como tudo isto é christão! Sim! eu bem sei que é moiro, genuinamente moiro colhido até na mais pura fonte da maiorisma, o Al-Koran; mas os senhores fazem o favor de me dizer, se não serão tambem aquellas as crenças e tradições christãs, ponto por ponto?

O homem é a obra prima de Deus, e em que

elle tanto se compraz, que até manda que os seus anjos lhe prestem homenagem de respeito. Cá o nosso livro sagrado, a *Biblia* não diz isto claramente, mas leva as mesmas voltas porque se refere, que Deus criou por ultimo o homem, a mais perfeita das creaturas porque é a imagem do creador, e para o qual foram creadas todas as outras coisas que existem.¹

Depois o anjo rebelde... aqui é que ha uma ligeira variante nas tradições das duas religiões. Para nós, christãos, o acto criminoso pelo qual o anjo mereceu ser expulso do ceo, foi pretender egualar-se com Deus; para os mahometanos foi uma desobediencia formal ás ordens do creador; note-se porém, que desobedeceu por soberbo, e é justamente esse ponto essencial em que se acha d'accordo a tradição de ambas as religiões.

Outra differença apparente é que a narração mahometana apenas falla da expulsão de um anjo, e a tradição christã resa de muitissimos outros, que o acompanharam. Não se julgue, por isto, que a boa releição de Mafoma está falha de diabos e não pode n'esse ponto competir com a nossa; se pode! em muitos logares do *Koran* se falla nas tranquillidades dos demonios, e até se lhes attribue uma qualidade para nós completamente desconhecida, qual é a grande curiosidade que elles tem de saber o que se passa no ceu. E por causa d'isso, para obstar a que os marotos cheguem a apanhar algum segredo celestial, é que foram creadas as estrellas. Quantas vezes temos nós visto, principalmente nas calidas noites de estio, atravessarem o ceu, rapidos como flexas, e com um grande rasto de luz, esses meteoros a que chamamos estrellas cadentes! Sabem o que isso é? Eu lhes digo, tenho-o aqui no *Al-Koran*. As estrellas segundo se acha escripto n'aquelle livro, são simplesmente dardos de fogo, os quaes tem a applicação seguinte.² Quando algum demonio curioso é descuberto nas proximidades do ceu, com o malevolento intento de escutar o que por lá se diz, qualquer anjo, que o lombrega, lança immediatamente mão de um dos referidos dardos, e *ziquete*, foga-lh'o no costado, mais abaixo, ou mais acima, conforme a pontaria, e outras circumstancias: em todo o caso espeta-lh'o no corpo... perdão, no corpo não pode ser, por que é coisa que os demonios nunca avessaram, senão phantastico... mas também espetar-se o espirito, como se espeta o lombo de porco, não sei que parece! Seja como for; n'essas difficuldades não me metto, que não possa sahir-me d'ellas. Em vez de desperdiçar tempo com semelhantes bagatellas, melhor farei aproveitando-o em repartir bisarramente com os leitores a minha sabedoria turca. Ahí vae. Eblis era um anjo, tal qual como Lucifer, e também como este, depois que foi precipitado do ceu, em consequência da sua rebelião, começou a chamar-se Satanaz, em arabigo *Echcheitan*, o tentador, o diabo, o inimigo dos homens. Tudo isto diz o supracitado sr. Kazimiriski, á custa dos meus sete tostões, igualmente supracitados. E acrescenta ainda o mesmo sr. interprete, que o plural d'aquella enrevesada palavra arabiga é *cheiatin*, o qual se encontra muitas vezes no *Koran*, valendo o mesmo que demonios.

Explica mais, e pela mesma quantia (os sete), que santanaz pertence ao culto, senão

¹ E disse: façamos o homem á nossa imagem e similitude, e senhoreie os peixes do mar, as aves do ceo, todos os animaes da terra e reptis que se arrastam no chão. (genesis.)

² «Nós adornamos o ceo mais proximo da terra com um ornamento de estrellas.

primitivo, ao menos antiquissimo, dos povos semiticos, ligando-se com o mytho da queda do anjo e do homem, em quanto que os genios, que também apparecem a cada passo no livro de Mahomed, e que são, como os demonios, espiritos do mal, esses pertencerão, talvez, aos mythos persas e indianos (*devas*), e terão invadido os cultos dos povos semiticos n'uma epoca posterior.

Parecem estas hypotheses muito plausiveis;



PELOURINHO DE VILLA VIÇOSA (Desenho do natural por H. Pousão)

effectivamente, em nenhum dos livros biblicos se encontram nem os mais ligeiros vestigios d'essas entidades, que tem grande afinidade com os demonios, e que todavia são distinctas d'elles. Já não succede o mesmo quanto a estes, que embora não figurem allí collectivamente, como corporação que é, e muito respeitavel, ao menos o seu patrão, ou como hoje se costuma dizer «o seu illustre chefe e meu nobre amigo, o sr. Cãotinhos» representa, por vezes, um papel importante. E até a proposito d'elle o celebre padre Antonio Vieira, que foi o mais picante folhetinista que ainda houve em Portugal... Chamam-lhe o Chrysostomo, portuguez; pois seja, não faço questão de nomes; tanto me dá que se chame Chrysostomo, como Antonio; e se de mais a mais o verdadeiro Chrysostomo, o grego, o eloquente, deixa correr os marfins, eu então muito mais, por que não tenho nada com isso. O que digo é, que em muitos sermões do celebre jesuita portuguez, o folhetinista vale incomparavelmente mais que o orador. Querem uma prova? Eu lh'a darei no artigo seguinte, e hade ser a respeito do diabo.

(Continua)

DELFIN D'ALMEIDA.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

NO LAZARETO. — É um folheto de 56 pag. de 8.º, em que Raphael Boddallo Pinheiro conta, com a graça e critica que distinguem o seu lapis e a sua pena, as suas recordações do Brazil, as peripecias da sua viagem, e a hospitalidade que o Lazareto de Lisboa oferece aos seus hospedes.

Esta noticia vae já tarde, porque tarde recebemos o livro, para que ella possa fazer juizo sobre o merecimento da obra, que aliás já está julgada e conhecida do publico, entretanto o assumpto d'este livro em que Boddallo a rir vae castigando, merecia, e de ha muito, ser estudado seriamente, tanto mais que a efficacia dos Lazaretos contra a invasão de epidemias é já hoje muito contestada.

RELATORIO DA ADMINISTRAÇÃO DA REAL CASA PIA DE LISBOA. — Imprensa Nacional, 1881. — Este desenvolvido e bem elaborado relatorio apresentado ao sr. ministro do reino pelo sr. Carlos Maria Eugenio d'Almeida digno provedor d'aquelle estabelecimento, é mais um documento importante que vem juntar-se á já provada utilidade d'esta sympathica instituição. A Casa Pia é dos estabelecimentos melhor organisados e administrados, que no seu genero, ha em Portugal, e das suas escolas sabem quotidianamente rapazes muito regularmente educados para as artes e para as industrias, não contando aquellos, que seguindo cursos superiores, tem chegado a occupar altas posições sociais.

Este relatorio além de inserir desenvolvidos mappaes do movimento das escolas, programmas de ensino e deciplinas leccionadas, alimentação, enfermarias, subsidios, aprendizagem, receita e despeza geral etc., publica as contas desenvolvidas das despesas feitas com as obras de reedificação dos Jeronymos e Casa Pia acompanhando-as Je duas estampas do alçado e planta do edificio.

É, finalmente um documento que oferece o maior interesse.

O JANTAR DOS TÓTÓS, OS TRES URSOS, O PINTABROXO, A GATA BORRALHEIRA, quatro livrinhos publicados pelo sr. David Corazzi, que fazem o encanto das creanças, pelas bonitas estampas coloridas que tem, e que se vendem pela modica quantia de 200 réis cada um.

ANNAES DO CLUB MILITAR NAVAL, n.º 6 e 7, que inserem artigos de muito interesse cujo sumario é o seguinte: *Helice, Instrução Maritima, Congresso das Associações Portuguezas, Relatorio acerca do serviço de soccorros a naufragos, Manual de instrução para uso da escola de torpedos, Necrologia, Bibliographia e Chronica.*

A MODA ILLUSTRADA, edição da Empreza Horas Romanticas, Lisboa, n.º 65 de 1 de setembro. — Continua a merecer os melhores creditos e a publicar-se com a maior regularidade.

A CASA A VAPOR, por Julio Verne, traducção de Cunha e Sá, 2.º e ultimo vol. — Editor David Corazzi, Lisboa. — Faz parte da copiosa collecção de livros de Julio Verne já hoje muito vulgarizados em Portugal, e este não desmerece dos precedentes como livro instrutivo e ameno de vulgarisação scientifica sob a forma de romance.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Agua o dá, agua o leva.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1881, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6